# Semiótica política do *newsmaking* e a tese da construção da notícia[1]

Tarcísio de Sá CARDOSO[2]
Carlos Magno Pinheiro BARRETO JUNIOR[3]
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

**RESUMO**

Este artigo tem como foco realizar uma reflexão semiótica acerca da tese construtivista presente na principal obra de Gaye Tuchman, *Making News: A Study in the Construction of Reality*. Pretendeu-se caminhar rumo a uma análise do argumento central da obra da autora na tentativa de identificar a posição de fundo adotada em sua teoria (*newsmaking*), esclarecendo as nuances de sua epistemologia política ou semiótica política, como pretendemos chamar aqui. Para dialogar com o construtivismo social da autora a respeito da notícia e da realidade, utilizou-se como referência teórica a epistemologia filosófica de Ian Hacking como apresentada no livro *The Social Construction of What?*, obra em que o autor investiga as posições de fundo assumidas sobre o que quer que chamemos de construção social. Concluímos que o paralelismo criado por Tuchman em torno das ideias de construção social da notícia e da realidade pode não ser tão necessário quanto parece, já que o avanço da ideia de que a notícia contribuí para a reificação de uma realidade social se dá por meio da linha argumentativa da construção da realidade por meio da notícia, podendo ficar a argumentação sobre a construção social da notícia apenas no primeiro nível, sem precisar avançar em paralelo. Por fim, chamamos a atenção de que o novo contexto social e político da contemporaneidade talvez coloque uma questão acerca das consequências político-epistemológicas para a teoria da autora, algo que surge a partir da consideração de novas problemáticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** construção; notícia; construtivismo; Tuchman; *newsmaking*;

## Que construção social pode ser apreendida de 'Making news'?

O título da principal obra de Gaye Tuchman é *Making News: A Study in the Construction of Reality* (1978), que significa em nossa tradução livre "Construir

[1] Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Professor da Faculdade de Comunicação da UFBA, membro do GPESC (Grupo de Pesquisa em Semiótica e Culturas da Comunicação), e-mail: tcardoso@ufba.br

[3] Jornalista pela UFBA. E-mail: magnocarlos3232@gmail.com

notícias: um estudo sobre a construção da realidade". Já aí podemos vislumbrar nosso objeto de interesse, um duplo construtivismo: da notícia e da realidade. Pretendemos, no entanto, caminhar rumo a uma análise do argumento[4] central da obra de Tuchman, na tentativa de identificar a posição de fundo adotada em sua teoria, conhecida como teoria do *newsmaking*, esclarecendo nuances de sua epistemologia política ou "semiótica política", como pretendemos chamar aqui. É preciso dizer de antemão que o que apresentamos aqui é parte de um estudo monográfico de um dos autores, intitulado *Mito ou possibilidade? Raízes do discurso contra a ideologia da objetividade jornalística de Gaye Tuchman*, recentemente defendido na Faculdade de Comunicação da UFBA (BARRETO JUNIOR, 2022).

Para identificar o que Tuchman entende por construção da notícia é preciso, antes de tudo, entender o argumento desenvolvido neste livro. Nele, a autora apresenta uma teoria da comunicação (teoria do jornalismo, no caso) que se opõe à teoria do espelho, isto é, à teoria que entende notícia como espelho da realidade. Para Tuchman, ao contrário, a notícia não pode ser entendida como espelho do real, pois ela é justamente um dos atores que constrói socialmente a realidade. Para dialogar com a posição epistemológica conhecida como construtivismo social (ou construcionismo social), iremos usar aqui a filosofia de Ian Hacking tal como apresentada no livro *The Social Construction of What?* (1999), obra em que o autor investiga posições de fundo assumidas sobre o que quer que chamemos de "construção social". Em uma atitude que aparentemente estranha para abordagens semióticas, a filosofia de Hacking não expressa o significado de construtivismo social, mas, ao contrário, empreende uma busca nessa direção, uma busca conceitual que pretenda identificar a posição epistemológica do construcionismo a partir do conjunto de seus efeitos manifestos por seus esforços:

> Então, o que são construções sociais e o que é construcionismo social? Com tantas paixões inflamadas circulando, poder-se-ia pensar que primeiro queremos uma definição para clarear o ar. Ao contrário, primeiro precisamos confrontar o ponto das análises da construção social. Não pergunte o significado, pergunte qual é o ponto (HACKING, 1999, p. 5)

[4] Vale lembrar que o signo argumentativo é o mais complexo na teoria semiótica de Charles Peirce, muitas vezes chamado por ele próprio de signo pleno, mais desenvolvido ou mesmo "signo genuíno" (PEIRCE, 1978).

Se a reflexão epistemológica sobre construtivismo não parte de um significado de "construção social", mas pretende caminhar rumo a tal significado, é porque, em nossa leitura, há uma revelação do significado nas atitudes manifestas por seus defensores. Esse tipo de associação entre significado (ou ideias) e a manifestação em ações (ou hábitos) se aproxima da teoria do pragmatismo que Charles Peirce começou a desenvolver em 1877, e que é base epistemológica da sua semiótica. Segundo Peirce, "para desenvolver [o] significado [de uma ideia], temos, portanto, que simplesmente determinar quais hábitos ela produz, pois o que uma coisa significa é simplesmente quais hábitos ela envolve"[5] (CP 5.400) [6]. Se aceitarmos, finalmente, a partir de Hacking, a vinculação entre manifestação em ações e significado de uma ideia, então será possível estudar a posição manifestamente assumida por Tuchman como um signo que permite entender o ponto central de sua defesa da relação indissociável entre construção social, notícia e realidade.

A questão, portanto, consiste em saber: qual o ponto de Tuchman em *Making News*? Uma análise cautelosa da obra (BARRETO JUNIOR, 2022) permitiu concluir que a socióloga aborda dois tipos de construção, a saber: a construção social da notícia e a construção social da realidade. O fundamento teórico da autora, que para esta defesa se inspira na base sociológica de Ervin Goffman, propondo que as notícias funcionam como uma janela para o mundo; e é através dessa janela (*frame*) que as pessoas aprendem sobre elas mesmas e sobre os outros, sobre as instituições, líderes, estilos de vida, e sobre as outras nações e seus povos; em suma, é por meio das notícias que apreendemos o mundo social. A teoria da comunicação ensejada por Tuchman, portanto, propõe a metáfora da janela[7] para caracterizar a notícia, metáfora esta claramente oposta à do espelho:

> Mas, como qualquer frame que delineia um mundo, o frame da notícia pode ser considerado problemático. A vista através de uma janela depende se o vidro é opaco ou transparente, se a janela está voltada para uma rua ou um quintal. A cena em desenvolvimento também depende de onde você está, longe ou perto,

[5] No original, lê-se: "*To develop its meaning, we have, therefore, simply to determine what habits it produces, for what a thing means is simply what habits it involves.*"
[6] A abreviação CP refere-se à obra *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (PEIRCE, 1978); e a citação a essa obra se refere ao volume e parágrafo (e não às páginas). Assim, uma citação de referência CP 5.400 significa que pertence ao parágrafo de número 400 do quinto volume dos "Collected Papers".
[7] Notem que a metáfora da janela não precisaria ser construtivista. Poderíamos pensar janela como meio pelo qual uma realidade se torna acessível para um sujeito que habita um edifício, este sim, construído.

> esticando o pescoço para o lado, ou olhando para frente, olhos paralelos à parede em que a janela está encerrada (TUCHMAN, 1978, p. 1)

Assim, a teoria de Tuchman tem em vista criticar aquela posição comumente adotada por jornalistas em sua prática profissional de que os fatos a serem noticiados estão dados pela própria realidade manifesta, e que a atividade jornalística tem como tarefa representá-los o mais fielmente possível, quase como se pudesse refleti-los com um alto grau de fidelidade. A ideia presente no imaginário do jornalista profissional, a ser refutada por Tuchman, é a de que se alguns procedimentos forem seguidos, a notícia pode refletir a realidade. É precisamente a essa perspectiva, que implica a adoção de um ideal de objetividade, como se reinasse uma fé metafísica de transparência da linguagem (ROEH, 1989, p. 161 *apud* TRAQUINA, 2008, p. 17), que Tuchman se opõe. Pensar a notícia como uma janela, um recorte, um *frame*, na visão tuchmaniana, é pensá-la como uma construção que oferece "definições da realidade social" (TRANQUINA, 2008, p. 17), o que implica uma posição epistemológica contrária à da teoria do espelho, isto é, implica uma necessária revisão dos postulados implícitos no imaginário do jornalista a respeito da notícia.

Podemos perceber também que a perspectiva epistemológica de Tuchman como teoria do jornalismo e da comunicação pode ser entendida como uma perspectiva construtivista social, em um duplo sentido: da notícia e da realidade. Isso porque a notícia é construída por práticas sociais, por atores sociais, como o próprio jornalista, e assim não há notícia "natural", isto é, na natureza, como há uma "maçã", por exemplo, ou, o que dá no mesmo, notícia não dá em árvore. Mas isso é trivial, e veremos que a tese forte de Tuchman não trata fundamentalmente da construção social da notícia, mas da realidade, isto é, as notícias constroem significativamente as ideias que fazemos do mundo social, e, ao fazê-lo, limitam o acesso à realidade, atuando na percepção da dissidência, transformando, desse modo, a própria realidade. Para Tuchman, toda notícia, ao legitimar as instituições sociais, acabam por evitar uma análise mais aprofundada dos acontecimentos, o que pode significar uma atitude politicamente problemática que aposta na contingência dos eventos (TUCHMAN, 1978, p. 177).

Citando Dorothy Smith, Tuchman (ibid.) sugere que as notícias impõem uma estrutura para construir e definir a realidade social, bloqueando investigações acerca desta realidade, o que, por sua vez, pode acabar impedindo uma análise e uma

compreensão mais precisa através da qual os múltiplos atores sociais pudessem compreender seu próprio contexto de vida, de atuação e o destino das ações possíveis na sociedade. É nesse ponto que parecem se conectar os dois tipos de construção que Tuchman relaciona com a notícia. Vejamos os dois em detalhe.

Por um lado, têm-se um produto que é fruto da atividade social de um conjunto de atores que exercem uma determinada profissão com um *ethos* próprio. Isso significa que a notícia não é algo alheio à existência social, como um mero produto natural da relação entre jornalista e real. Ao contrário, ela é produto, isto sim, do jornalismo, enquanto atividade social, isto é, é fruto de todo um jogo de relações entre jornalistas redatores, fotojornalistas etc., bem como suas fontes, seus demais colegas de profissão, sua linguagem, seus chefes, seus editores, suas visões políticas. Enfim, a notícia é sempre um resultado que é construído socialmente pela rede de atores por meio dos quais ela é produzida.

Por outro lado, têm-se a realidade que é constituída pelo conjunto das ações desses atores e de todos os outros que compõem a realidade social, tais como todos os meios pelos quais os cidadãos tomam conhecimento de um determinado acontecimento noticiado, que incluem a notícia em questão (sua materialização em algum suporte, bem como suas versões em suportes diferentes), bem como outras notícias, outros meios de comunicação, conversas com colegas de profissão, familiares, amigos, posicionamentos políticos do leitor, suas visões de mundo, sempre mediadas e associadas às trajetórias de vida de cada um desses atores. Acontece que atividade jornalística tem um papel especial nessa construção da realidade social, já que, para Tuchman a notícia é uma espécie de mediação que dá voz e silencia ideias que circulam na esfera social.

Esta posição epistemológica adotada por Tuchman evidentemente não está sozinha. Ao contrário, pode-se dizer que é uma posição sociológica amplamente difundida e aceita, e que se fundamenta muitas vezes como uma crítica a tradições sociológicas como a funcionalista, por exemplo, mas que aqui tem como opositor a teoria do espelho ou a visão (recheada de realismo ingênuo) que os jornalistas têm da notícia como espelho do real. Alguns dos conceitos basilares da sociologia interpretativa adotada por Tuchman são: reflexividade e indexicalidade, de Harold Garfinkel e Aaron Cicourel; *frame* e *strip*, de Erving Goffman; construção social da realidade, de Berger e Luckmann; atitude natural, de Alfred Schutz. Essa rede constitui um fundamento teórico

de peso para entender a realidade como moldado por processos de atores sociais, suas instituições e seus fenômenos compartilhados e construídos (TUCHMAN, 1978, p. 182).

**Qual o ponto de Tuchman?**

O ponto da proposta teórica de Tuchman, para usar os termos de Ian Hacking, parece ser, portanto, opor-se ao entendimento da notícia como um espelho, no sentido de investir a atividade do cientista social em um projeto no qual ele é construtor da sua realidade e, dado o seu papel chave para construir uma sociedade mais justa, sua atividade de construtor deve estar atenta às formas injustas às quais a sociedade atual possa estar enredada. O ponto de Tuchman, então, parece ser oferecer às ciências sociais a tarefa de investir a própria construção social das notícias e da realidade em uma atitude crítica ao status quo.

É deste modo que a responsabilidade do cientista social é colocar-se contra toda ideia de representação noticiosa de "algo que é", já que supor a própria existência de tal coisa para além das construções sociais (uma coisa que possa simplesmente ser representada) é supor a inevitabilidade do atual estado de coisas, isto é, é supor que há coisas que são como são e que não poderiam ser diferentes. Coisas com tal grau de independência não podem existir para esse tipo de abordagem sociológica que leva em conta um questionamento sobre um determinado estado de coisas e supor tais coisas independentes seria resignar a toda possibilidade de futuro, abrir mão de toda alternativa de construção de um social distinto do que é hoje.

É importante ressaltar que tal postura como teoria social não é original e dialoga, por exemplo, com a atitude da tradição conhecida como teoria crítica de base marxista, que considera ser função do trabalho crítico opor-se às tradições mais "explicativas" sobre como a sociedade "funciona". Marcos Nobre (2008) defende, neste sentido que, do ponto de vista crítico, o papel da atividade teórica no campo social deve ir além da mera descrição dos fenômenos, na medida em que ela se vincula a um ideal de transformação social.

> Não cabe à teoria limitar-se a dizer como as coisas *funcionam*, mas sim analisar o funcionamento concreto das coisas à luz de uma *emancipação* ao mesmo

> tempo *concretamente possível* e *bloqueada* pelas relações sociais vigentes. Com isso, é a própria perspectiva da emancipação que torna possível a teoria, pois é essa perspectiva que abre pela primeira vez o caminho para a efetiva compreensão das relações sociais. (NOBRE, 2008, p. 17)

Podemos perceber que, no âmbito da ciência social, a posição defendida por Nobre deve operar como parte de um projeto de emancipação, denunciando e se opondo a qualquer forma tradicional de fazer teoria, na medida em que estão justamente em seu glossário e em seu fundamento os princípios bloqueadores das emancipações possíveis.

Voltando à teoria de Tuchman, podemos entender agora que sua atitude epistemológica, ao contrário de tomar notícias sobre algum fenômeno como capazes de descrever tais fenômenos, pretende assumir a própria ação noticiosa como criadora de fenômenos sociais. Isto porque se, ao invés de adotar a posição do construtivismo social, entendêssemos que seria ao menos possível descrever fenômenos sociais por meio de notícias isto significaria cair em uma atitude fundamentalmente fechada à mudança que a representação noticiosa deveria, uma vez tornada explícita esta potencialidade, ensejar na própria sociedade. Resignar a esta potência emancipatória seria, em termos de posição política, fomentar uma postura conservadora do status quo. Percebe-se, portanto, que o projeto por trás do construtivismo de Tuchman ou, dito de outro modo, o projeto por trás de sua proposta epistemológica, é um projeto fortemente político. Talvez seja mais preciso dizer que se trata de uma "epistemologia política" seguindo nomenclatura contemporaneamente aceita nas ciências sociais, atitude esta que se assemelha a uma filosofia da práxis, no sentido em que o trabalho do cientista social não pode ser o de descrever os fenômenos, mas contribuir para sua transformação.

Tal projeto político epistemológico parece sustentar-se, no caso específico da teoria do *newsmaking* elaborada por Tuchman, sobre cinco ideias que poderiam ser resumidas da seguinte forma:

a) a notícia é socialmente construída;
b) a notícias não representa "algo que é e ponto", mas representa algo que é constructo social (e que pode ser chamado, de todo modo, de realidade);
c) a realidade é socialmente construída (não apenas, mas também) pela notícia;
d) ao representar a realidade (ela própria um constructo social), a notícia faz parte do jogo de tensionamentos semióticos que constrói socialmente tal

realidade (desse modo, a realidade social representada na notícia é uma realidade dinâmica);

e) uma vez que aderir à suposição de que "notícias representam fatos" significaria cair em um projeto político conservador, então é dever do cientista social interessado na justiça social adotar a atitude de "se contrapor à epistemologia 'não construtivista'", tal como a teoria do *newsmaking* se contrapõe à teoria do espelho;

Analisando as proposições acima, pode-se perceber que as proposições (b) e (c) estão relacionadas entre si, de modo que a proposição (c) (a realidade é construída) já estava implícita na (b). Poderíamos ainda relacionar as proposições (d) e (e) acima para destacar que a perspectiva de Tuchman (1978, p. 184) entende que a notícia é responsável por ajudar a redefinir a sociedade de uma determinada maneira e a perpetuar um estado de coisas específico, motivo pelo qual seria extremamente problemático entender a notícia como espelho. Nesse sentido, a crítica de Tuchman (1978, p. 196) foi por ela própria sintetizada a partir de três aspectos definidores do poder socioconstrutivista de sua teoria do *newsmaking*: a notícia é responsável por ajudar a constituir e redefinir os fenômenos sociais, e não espelhá-los; a notícia ajuda a perpetuar um estado de coisas X, como se o mundo já estivesse dado, que, portanto, é tomado como inevitável, mas que não precisa sê-lo; a notícia muitas vezes se constitui como um "não saber", já que os procedimentos em instituições socialmente legitimadas (como os procedimentos da imprensa) apesentam a estrutura social como dada e mutilam a capacidade dos atores sociais de transformar a atual estrutura da sociedade.

Diante do exposto, fica fácil perceber que a metáfora do espelho vai na contramão do projeto político epistemológico contra hegemônico pretendido pelo *newsmaking*. Isto porque a metáfora do espelho acaba por reforçar uma visão que, apesar de bastante aceita entre jornalistas, reifica uma "coisificação" da sociedade, e ofusca, por sua vez, o próprio processo social sob o modo como as notícias são produzidas e o modo como elas produzem (constroem) o social. O ideal da objetividade amplamente internalizado na prática do jornalismo contribui, no máximo, para o ocultamento dos "procedimentos interessados", que Tuchman tanto se esforça por trazer à luz. Na mesma medida, Tuchman também se esforça por evidenciar que tal ideal constitui um "método de não saber", isto é, um método de ocultar o ideal político de

dominação, o que o torna parte de um ideal conservador (hegemônico), que precisa, por isso, ser entendido como tal por uma perspectiva capaz de denunciá-lo.

## Análise do construtivismo social de Tuchman a partir de Hacking

Uma vez entendida, em linhas gerais, a proposta político epistemológica de Tuchman, propomos, a seguir, tecer uma análise de acordo com a filosofia de Ian Hacking. Para Hacking, teses socioconstrutivistas, como as de Gaye Tuchman, definem algum X, por mais amplo e abstrato que seja este X. Isto é, defendem que algo específico é socialmente construído (e falam justamente sobre a construção de X). O argumento de Hacking para a construção social sustenta que:

> (1) X não precisaria ter existido ou não precisa ser como é. X, ou X como é atualmente, não é determinado pela natureza das coisas e nem é inevitável.
> (2) X está muito ruim do jeito que está.
> (3) Estaríamos em melhor condição se X fosse eliminado ou, ao menos, radicalmente transformado. (HACKING, 1999, p. 6)

A questão norteadora do presente tópico será: o que acontece se colocarmos no lugar de X a noção de "notícia"? E o que acontece se colocarmos no lugar a noção de "realidade"? Antes de seguirmos, convém lembrar que, segundo Hacking, há gradações do socioconstrutivismo, podendo ir de versões mais fracas, que aceita apenas o que está em (1), até as mais fortes, que aceitam (1), (2) e (3).

> Uma tese do tipo (1) é o ponto de partida: a existência ou caráter de X não é determinado pela natureza das coisas. X não é inevitável. X foi trazido à existência ou moldado por eventos sociais, forças, história, todos os quais poderiam muito bem ter sido diferentes. Muitas teses de construção social avançam imediatamente para (2) e (3), mas não precisam fazê-lo. Pode-se perceber que algo, que parece inevitável no presente estado de coisas, não era inevitável e, ainda assim, não é, portanto, uma coisa ruim. Mas a maioria das pessoas que usa a ideia de construção social com entusiasmo deseja criticar, mudar ou destruir algum X de que não gosta na ordem estabelecida das coisas (HACKING, 1999, p. 6-7)

Percebe-se que o argumento de Hacking defende que o ponto em questão para o construtivista social é (1) que algum estado de coisas tal como está não precisaria ser do jeito que é (e poderia ser diferente, se as condições sociais fossem outras). Além disso, muitos construtivistas sociais pretendem não só identificar que um estado de coisas

poderia ser diferente, mas que tal como está, não está bom (2) e, além disso, estaríamos em melhor condição se nos livrássemos deste estado atual (3).

Para o que se segue, tentaremos colocar as ideias de Tuchman (sobre construção social da notícia pelas práticas do jornalismo profissional e sobre construção social da realidade pela notícia) em diálogo com os princípios de Hacking. Cruzando os níveis (a) e (c) do tópico anterior, apreendidos pelo estudo da teoria de Tuchman, com os princípios (1), (2) e (3) de Hacking, temos seis combinações possíveis, mas nem todas elas parecem corresponder à proposta da teoria de Tuchman.

Com respeito ao cruzamento (a-1), isto é, à admissão da notícia como construção social (a), não parece ser difícil observar que, de fato, Tuchman entende a notícia como construída socialmente, já que a notícia não é determinada pela "natureza das coisas" (por exemplo, uma notícia sobre esporte não é determinada pela natureza do esporte em questão). Ao contrário, ela própria é fruto de processos organizacionais, da cultura profissional de jornalistas. Tuchman enfatiza a atuação dos jornalistas e das organizações informativas nesse processo e tal detalhamento das práticas profissionais do jornalismo reforça o modo pelo qual ela é construída de um modo que não precisaria sê-lo (a-1).

É possível notar, no entanto, que a teoria do *newsmaking* não precisa avançar muito sobre a ideia de construção social da notícia. Isto é, não parece haver nela interesse algum em defender algum princípio como (a-2), isto é, que "a notícia está ruim do jeito que está", pois a teoria de Tuchman não versa sobre a construção de uma notícia específica, ruim ou boa, mas sobre a construção de notícias em geral. Não se trata de criticar notícias como mais fiel ou menos fiel, mas, ao contrário, é a própria ideia de "fidelidade noticiosa" que está em questão. Do mesmo modo, não há interesse algum em chegar tão longe com o construtivismo social da notícia a ponto de defender algo como (a-3), isto é, defender que "seria melhor se não houvesse notícia", pois a teoria tuchmaniana está bastante longe de propor um mundo sem jornalismo ou sem notícias.

Novidade maior está, esta sim, nos cruzamentos (c-1), (c-2) e (c-3). Isto é, o ponto de Tuchman parece ser mais forte na ideia de que a realidade é construída (não apenas, mas também) pela notícia (c). Sobre este ponto, podemos afirmar que, para Tuchman, a realidade tal qual é apresentada através da notícia não é inevitável, e

poderia muito bem ser outra (c-1). Ela é produto, neste sentido, de processos históricos e eventos sociais contingentes, isto é, a história poderia ter acontecido de muitas outras maneiras, e só está do jeito que está devido a uma rede enorme de atores que a fizeram, a construíram a configuraram deste modo. Tuchman chama a atenção para o papel do jornalismo nesse processo, já que as notícias são um dos fatores que fazem a sociedade ser do modo que é.

Por outro lado, podemos dizer ainda sobre (c) que injustiças sociais podem ser observadas em diversos âmbitos (econômico, gênero, étnico, sexual etc.), o que faz com que o jornalista, imbuído de seu papel enquanto ator social, não possa se ausentar da responsabilidade em tal sociedade repleta de injustiças, e de construir de forma crítica suas notícias. De acordo com Tuchman, defender uma posição como esta deve ser entendido como assumir que (c-2) a realidade está muito ruim do jeito que está (e as injustiças sociais são prova disso). Na mesma linha, continuando com Tuchman, devemos reconhecer que (c-3) estaríamos em melhor condição se a realidade injusta na qual vivemos fosse radicalmente transformada. É deste modo que compreendemos como o projeto epistemológico do *newsmaking* (de teorizar sobre o jornalismo) se caracteriza em um projeto político (de emancipação).

Há ainda uma pré-condição para a tese construtivista de Tuchman. Hacking afirma que se todos sabem que X é o resultado de arranjos sociais, não haveria sentido em dizer que X é socialmente construído (isso já seria suposto desde sempre). Segundo Hacking, "As pessoas começam a argumentar que X é socialmente construído precisamente quando descobrem que: (0) No presente estado de coisas, X é dado como certo; X parece ser inevitável" (HACKING, 1999, p. 12).

> A afirmação (0) não é uma suposição ou pressuposição sobre X. Ela afirma uma pré-condição para uma tese construcionista social sobre X. Sem (0) não há inclinação (além de pular na onda) para falar sobre a construção social de X. Você pode confirmar isso rolando para baixo de A a Z na lista acima. Você não encontra livros sobre a construção social de bancos, o sistema fiscal, cheques, dinheiro, notas de dólares, conhecimentos de embarque, contratos, delitos, o Banco Central ou a monarquia britânica. Todos esses são objetos contratuais ou institucionais, e ninguém duvida que os contratos e instituições são o resultado de eventos históricos e processos sociais. Portanto, ninguém insiste em que sejam socialmente construídos. Eles fazem parte do que John Searle (1995) chama de realidade social (HACKING, 1999, p. 12)

Uma vez que há inúmeras coisas socialmente construídas e das quais ninguém precisa duvidar, essa pré-condição (0) serve para assinalar as ideias que se destacam como aparentemente inevitáveis, isto é, que, dentro de certas condições, são tidas como inevitáveis. No caso de Tuchman, a conjugação entre a construção social da notícia e a construção da realidade social pela notícia parece apontar para a proposição de que as ideias que se tem da realidade social e as ideias que os jornalistas têm da notícia são tomadas como inevitáveis, embora não o sejam.

No entanto, como vimos, o argumento sobre a construção social da notícia (a-1), (a-2), (a-3) não avança muito, ficando restrito à constatação de que a notícia é construída socialmente (a-1). Isto porque, como vimos, não há necessidade de, em uma teoria geral sobre o fazer jornalístico, questionar um determinado estado de coisas de notícias construídas (a-2), bem como não há necessidade de propor um mundo alternativo (sem jornalismo) (a-3).

Por outro lado, há muito interesse em avançar na tese da construção pela notícia da realidade (c-1), (c-2), (c-3). Essa tese segundo a qual a realidade é construída socialmente pela notícia (c-1) precisa avançar para os próximos níveis, politicamente mais fortes, pois é notável que a realidade atual está cheia de injustiças sociais, sendo ruim da forma que está (c-2), e, indo ainda mais adiante, seria importante que o jornalismo, como parte das instituições que constroem o social, assumisse certo protagonismo na transformação da realidade (c-3).

Essa discrepância entre os dois construtivismos (da notícia e da realidade) talvez signifique mais do que a própria Tuchman revela. Afinal, qual é o ponto de falar que a notícia é socialmente construída? Mesmo um conservador parece concordar que a notícia é construída. O que o politicamente conservador parece defender é a manutenção do atual estado de coisas, que considera mais justo, e o que talvez pretenda ocultar é que no atual estado de coisas há injustiças sociais (considerando que há injustiças sociais). De todo modo, não há um ataque explícito ou implícito à ideia de que a notícia é construída. Parece óbvio que seja. Quem iria discordar? Por que, afinal, associar a construção social da notícia com a construção social da realidade?

O movimento de Tuchman sobre a construção social da notícia e a construção social da realidade parece querer estabelecer um paralelismo, isto é, chamar a atenção para o fato de que tanto a notícia quanto a realidade são ambas, fruto de processos

sociais complexos, que envolvem diversos eventos históricos, sociais e culturais, mas que quando o ideal da objetividade entra em cena faz parecer que tanto a notícia quanto a realidade representada pela notícia são inevitáveis (o que não são). No entanto, tal associação entre a tese da construção social da notícia e a da construção social da realidade pode não ser tão necessária quanto parece. Um jornalista profissional que assuma estar, por meio das notícias, ajudando a construir a realidade ainda pode assumir uma postura conservadora (ex: Alexandre Garcia) ou progressista (ex: Mino Carta). Rejeitar a teoria do espelho não significa, portanto, acatar automaticamente o compromisso político crítico ao status quo. Desse modo, o argumento de Tuchman parece deixar uma lacuna em aberto, na medida em que pretende relacionar posturas políticas com atitudes epistemológicas sem apresentar como uma coisa leva à outra.

O ponto de Tuchman parece ser assumir que ao invés de tomar a notícia como um produto inevitável da atividade jornalística, entende como a notícia é socialmente construída e como as ocorrências do mundo social são renderizadas em histórias que ocupam tempo e espaço no mundo das notícias (TUCHMAN, 1978, p. 2), e que, justamente por isso, acabam por contribuir para o processo de reificação do mundo social. No entanto, para esta ideia (reificação de uma realidade social), o avanço se dá por meio da linha argumentativa da construção da realidade (c) por meio da notícia, linha esta definida por (c-1), (c-2), (c-3), podendo ficar a argumentação sobre a construção social da notícia (a) ficar em um nível mais simples (a-1), sem precisar avançar.

Associar os níveis (a) e (c), deste modo, como se entre ambos houvesse alguma reciprocidade, parece dizer mais sobre o ponto de Tuchman (seus princípios, formas, relações), isto é, sobre seu posicionamento político epistemológico, do que sobre o imbrincamento entre a construção social da notícia e a realidade social construída pela notícia de que tanto pretende falar. Qual o significado desse movimento que costura uma associação entre dois construtivismos (da notícia e da realidade)? Como vimos, o significado de sua epistemologia política tem mais a ver com uma pacificação a respeito do primeiro (construção social da notícia) e com um tensionamento do segundo (construção social da realidade). Em termos pragmáticos, portanto, a proposta da teoria do *newsmaking* de criticar a teoria do espelho, constitui um projeto de politizar a atitude sociológica em direção a alguma realidade outra, que devemos supor melhor que a

vivenciada em nosso tempo e que está em vias de construção. Podemos, finalmente, entender tal projeto como um projeto de semiótica política, uma vez que a própria adoção de sua posição epistemológica tem seu significado comprometido com um ideal político.

## Considerações finais

Podemos agora tecer algumas problemáticas a respeito dessa proposta semiótica política, diante da contemporaneidade. Essas problemáticas não poderão ser trabalhadas neste artigo, motivo pelo qual elas são assinaladas como sugestões ou propostas para desenvolvimentos futuros neste campo.

Vimos que a epistemologia política de Tuchman coloca o jornalista como um ator social capaz de construir uma realidade diferente da que está dada. E, nesse contexto, a realidade é moldada pelo conjunto das ações executadas pelos atores sociais, dentre eles os jornalistas. Isso implica pensar em uma acepção de notícia e de realidade específica. Como foi dito, a ideia de construção social da notícia em Tuchman é mais branda, sendo possível admitir que a notícia é socialmente construída (a-1). Já em relação à realidade, além dela ser socialmente construída (c-1), ela está ruim do jeito que está (c-2) e pode e deve ser transformada (c-3). Ou seja, tais considerações colocam os atores sociais, principalmente aqueles que trabalham com a notícia, uma questão filosófica profunda, a saber: no fundo, o que é a realidade? Tudo o que é real pode ser moldado e transformado?

Essa é uma questão geral que está colocada no trabalho de Tuchman a partir de um contexto social e político específico. No entanto, de 1978 até o momento presente as coisas mudaram sobremaneira. Surgiu uma nova demanda por fatos, demanda esta atestada pela multiplicação das agências de checagem e que difere substancialmente da que é descrita por Tuchman em sua obra. Os fenômenos das *fake news*, pós-verdade e cultura do ódio demandaram do jornalismo um reforço ainda maior no seu papel informativo e na centralidade do fato na semiose jornalística. Além disso, com uma esfera pública vazada que está por discursos políticos que reforçam a mentira deliberada como meio de angariar eleitores, de influenciar políticas públicas e servir como base para ação política na sociedade, setores da sociedade civil, em conjunto com grandes

empresas jornalísticas e cidadãos preocupados com estes fenômenos têm reforçado o papel da imprensa na sociedade e sua importância para a vida política de um país.

Essas novas problemáticas colocam, assim, uma outra questão: quais as consequências da semiótica política de Gaye Tuchman para esse novo contexto? Pensamos que, a partir desse tipo de pergunta, trabalhos futuros devem ser capazes de traçar as implicações político-epistemológicas da teoria de Tuchman para o contexto atual, seja focando na dimensão das novas disputas de narrativa, que tem uma proeminência muito grande dentro de sua obra, principalmente quando a autora relaciona a narrativa à criação de uma aura de factualidade no texto jornalístico, seja buscando reenquadrar suas considerações acerca da crítica da objetividade na nova moldura social que está posta nos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

BARRETO JUNIOR, C. **Mito ou possibilidade? Raízes do discurso contra a ideologia da objetividade jornalística de Gaye Tuchman**. Monografia de TCC— Salvador: [s.n.].

HACKING, I. **The Social Construction of What?** Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 1999.

NOBRE, M. **Curso livre de teoria crítica**. Campinas: Papirus, 2008.

PEIRCE, C. S. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Eletronic ed. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1978.

TUCHMAN, G. **Making News: a study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1978.